

## O EXECUTIVO E O ARTISTA

---

*THE EXECUTIVE AND THE ARTIST*

Ronaldo Ferreira de Lima<sup>146</sup>

Vivemos, neste início de século, o bem estar e o mal estar que a modernidade nos impõe. Ao lado da facilidade de acesso à informação e de uma linguagem comum que une todos os povos, estamos também imersos numa competição exacerbada pelos frutos do progresso. Seja na esfera do comércio ou da indústria as pessoas lutam por empregos, colocam-se todas no papel de concorrentes diante do incerto mundo do trabalho e dos negócios. O conhecimento, neste contexto, representa as condições primordiais e privilegiadas, que fará toda a diferença do acesso aos melhores e, mais bem remunerados postos de trabalho. Pelo menos é isso que se apregoa na chamada sociedade do conhecimento.

As mudanças radicais ocorridas desde o final da segunda guerra mundial, no âmbito tecnológico, político e social são, em grande parte, decorrentes da geração e manipulação de conhecimentos. Desde então, enquanto alguns países do terceiro mundo entravam em processo de industrialização, outros, já noutro estágio econômico de desenvolvimento, foram transformados em economias pós-industriais, cuja força motriz é o conhecimento. Nesse contexto, pessoas que dispõem de informação, ou que transformam essas informações em conhecimento, que sabem resolver problemas de forma criativa ou desenvolveram uma inteligência estratégica, além de obterem problemas de forma criativa ou

---

<sup>146</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Clarinetista, Professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) na UFRN. E-mail: ronaldo@musica.ufrn.br.

desenvolveram uma inteligência estratégica, além de obterem vantagens competitivas no mundo do trabalho, são, sem sombra de dúvidas, elementos que dinamizam hoje a riqueza da nova sociedade.

No âmbito da produção industrial o conhecimento criativo dá vazão à concepção de novos produtos que dá o ritmo do mercado de consumo certo tempo. Isso porque na dinamicidade do que é produzido para um mercado competitivo e que cada vez mais se sofisticava, o que é previsível já não emociona, já nasce com a marca da obsolescência. Por isso a importância de uma inteligência estratégica e do acolhimento do *insight* (ou seja, repentinas que fogem aos padrões de solução de problemas) como resultado da relação conhecimento-experiência-criatividade.

Todo empresário obstinado em alcançar o sucesso nos negócios, almeja poder contar com uma equipe de profissionais competentes, hábeis e que saibam tratar de problemas gerais, articular os diversos setores que envolvem o processo de produção e que, sobretudo, compreenda a dinamicidade do mercado e a sua incerteza. Dessa forma, ultrapassar a formação do profissional padrão fechado na rigidez da sua especialidade passa a ser um imperativo na sociedade do conhecimento.

Como é sabido, o grande desafio de qualquer empresa reside na difícil equação produtividade/desempenho. Aumentar a produtividade, baixar os custos, impor qualidade que faça com que a empresa ou a indústria se mantenha competitiva no mercado globalizado e de concorrência acirrada é o horizonte do mundo empresarial. Esse cenário impõe a necessidade da adoção de estratégias que leve em conta a produção do conhecimento capaz de favorecer índices de sucesso cada vez mais elevados. Por isso as empresas têm investido maciçamente em projetos de pesquisa e em pessoas que, pelo grau de conhecimento criativo, se destacam na apresentação de propostas inovadoras.

Vital à sobrevivência de um produto no mercado, uma ideia inovadora na sociedade de consumo é, de toda forma tão essencial, que a sua falta pode significar o aniquilamento de uma empresa. Somente por ofício de ideias novas e

criativas uma empresa poderá manter-se atuante num mercado que não pára de crescer e se apresenta cada vez mais exigente.

Não são raros os casos em que grandes empresas, com dificuldades financeiras recorreram a profissionais com um histórico de sucesso em recuperar negócios que estavam a caminho da insolência. Mas é preciso ter claro que apenas uma educação firmada detrás dos altos muros acadêmicos é insuficiente para instigar esse “espírito criativo” nos profissionais. Além de pretender desenvolver as potencialidades do formando, a escola necessita levar em conta os contextos fluídos e imprevisíveis, onde esse futuro profissional irá atuar. Nesse ponto, é preciso ter em conta que tanto o projeto educacional vigente, como também o aprendizado adquirido com a experiência da prática vivida, são responsáveis por uma qualificação pró-ativa.

A simbiose entre o estudo formal da academia, com os seus rigores (do método, da técnica e da ciência) e os conhecimentos empíricos forjados na vivência dos desafios complexos que o cotidiano do mercado impõe, poderão revelar um profissional criativo, ousado, consciente de que a superação dos problemas comporta riscos e que é preciso agir “artisticamente”, saber colocar em sinergia esses conhecimentos. Tal concepção equivale à imagem de um compositor visionário e audacioso, ao conceber o novo quando ele ainda não foi pensado.

A verdadeira arte criativa nasce do exercício do *bricoleur*, expressão francesa atribuída ao indivíduo, cujo potencial criativo ultrapassa o limite dos materiais disponíveis. Como observou o astrofísico Hubert Reeves, o compositor alemão Johann Sebastian Bach, um *bricoleur* por excelência, na posse de algumas escalas musicais, compôs 354 cantadas no mesmo estilo, mas todas diferentes, imprimindo a cada uma a marca de sua criatividade. A prática do fazer, o cuidado com a *performance*, desenvolve o potencial criativo. Nessa dinâmica razão e intuição passam a ser duas metades que se complementam. A pulsão criadora do artista é similar ao comportamento criador da natureza. O artista é dotado dessa propriedade emergente, desse “espírito criativo”.

Lí, em Vandana Shiva, que a monocultura da mente, é o anátema de todo o aprendizado, que o ocidente impõe um mesmo padrão mental para pensar o mundo. A superespecialização tem formado profissionais limitados e com dificuldades em transitar em áreas distintas. Falando a respeito do pensamento sistêmico e abordando algumas implicações da arte na educação, o físico e o teórico de sistemas Frijof Capra, observa significativas contribuições de artistas para o avanço da ciência. Entre esses artistas, destaca Leonardo da Vinci e o poeta alemão Goethe. O primeiro, pelo conjunto do trabalho científico produzido durante o período da Renascença e o segundo por sua contribuição à biologia. Nesses termos, faz-se imperativo a compreensão da necessidade de religar saberes fragmentados por contigência de uma sociedade que se pauta numa educação que tem por objetivo a superespecialização.

Diante dessa realidade, é preciso, pois, acolher a diversidade na amplitude que o termo comporta; considerar a alternância e o erro, agir artisticamente, considerar o cromatismo, sem entretanto, esquecer o singular. O projeto “Fordlândia” implantado perto da cidade de Santarém, no Estado do Pará, pelo empresário norte-americano Henry Ford, há décadas passadas, é uma demonstração cabal de que, mesmo um empresário experiente e bem sucedido, pode incorrer no erro e por isso amargar grandes prejuízos se não estiver disposto a redirecionar um olhar que comporte a diversidade integradora do conhecimento humano.

Com o projeto “Fordlândia”, criado no começo da década de 20, Ford intencionava abastecer sua empresa de látex, matéria prima necessária à fabricação de pneus para abastecer sua fábrica automobilística. O projeto consistia na substituição de uma parte da floresta, com toda sua diversidade, pela monocultura do seringa. Enquanto na floresta nativa encontravam-se, em média, sete seringas por hectare, o projeto “Fordlândia” pretendia plantar duzentas mudas. Ford não teve êxito em seu empreendimento, as plantações foram completamente dizimadas. Com esse investimento Henry Ford amargou, a preço de hoje, um prejuízo da ordem de duzentos milhões de dólares. Mas o que deu

errado? Por que o empreendimento não prosperou? Faltou ao empresário a informação mais básica que qualquer seringueiro da região poderia lhe oferecer, ou seja, a de que a plantação adensada não é própria à seringueira, pois a proximidade das mudas faz proliferar pragas, microorganismos do tipo *microcyclus*, impossíveis de se combater com eficácia. Essa informação nenhum dos gerentes de Ford possuía, uma vez que não tinha experiência em agricultura equatorial.

A malograda experiência de Ford serve de exemplo para compreendermos que toda ação humana comporta riscos e nem sempre o conhecimento acumulado da especialista é suficiente. É preciso agora o olhar sensível, a escuta da “voz” da natureza, admitir a simplicidade e a sofisticação como elementos imbricados, tal qual a dinâmica do processo criativo. Se for verdade que o conhecimento, a informação e a experiência são atributos que conformam o profissional do século XXI, é preciso então que múltiplas estratégias de ensino (qualificação/requalificação) sejam repensadas a fim de proporcionar uma formação mais próxima da realidade das mudanças, que instigue as inteligências criadoras, complexas.

Trata-se, portanto, de superar o viver na monotonia dos obstinatos, das repetições desprovidas de substância inventiva. Está aqui a ideia de que o “espírito artístico e criativo” não diz respeito somente ao pintor, ao músico, ao escritor, ao poeta. O espírito artístico é inerente à diversidade das atividades humanas e é fundamental fazê-lo desabrochar no executivo, no operário, no trabalhador em geral. A atividade do executivo enquadra-se na compreensão de que o seu ofício não é somente burocrático, calcado na frieza e na rigidez dos esquemas inibidores da criatividade, representa a base da formação de um profissional arquiteto de ideias, compositor de grandes obras, um verdadeiro artista.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização Ecológica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CRAWFORD, Richard. **Na era do capital humano**. São Paulo: Atlas, 1995.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**. São Paulo: Gaia, 2003.

REEVES, Hubert. **Os artesãos do oitavo dia**. São Paulo: Unesp, 2000.